

A “FABRICAÇÃO” DA “RAINHA DA CELULOSE”: NOTAS CRÍTICAS SOBRE O PAPEL DO “PRÍNCIPE ELETRÔNICO-DIGITAL” NA CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO DE SILVICULTURA EM TRÊS LAGOAS-MS

LA “FABRICACIÓN” DE LA “REINA DE LA CELULOSA”: NOTAS CRÍTICAS SOBRE EL PAPEL DEL “PRÍNCIPE ELECTRÓNICO-DIGITAL” EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA HEGEMONÍA DE LA AGENCIA AGRÍCOLA FORESTAL EN TRÊS LAGOAS-MS

THE “MANUFACTURE” OF THE “QUEEN OF CELLULOSE”: CRITICAL NOTES ON THE ROLE OF THE “ELECTRONIC DIGITAL PRINCE” IN THE CONSTRUCTION OF THE HEGEMONY OF FORESTRY AGRIBUSINESS IN TRÊS LAGOAS-MS

André Luis Amorim de Oliveira¹
andre13tl@gmail.com

Resumo:

O trabalho em tela é parte da pesquisa conduzida pelo Grupo de estudos e pesquisas sobre Espaço, política e ideologias (GE-EsPi²) e tem como objetivo tentar compreender a dinâmica entre Estado, imprensa e o setor do agronegócio de silvicultura em Três Lagoas-MS. Nesse sentido, o texto procura elencar alguns aspectos do processo de territorialização da silvicultura, tendo como enfoque um conjunto de reportagens, informações, dados, etc., divulgadas pela imprensa (“Aparelho ‘Privado’ de Hegemonia” - A.P.H.), principalmente aqueles difundidas no website da prefeitura de T.L., as quais, a nosso ver, sinalizam para as estratégias na busca pela hegemonia do agronegócio de silvicultura nesta microrregião.

Palavras-chave: Hegemonia; Ideologia; Imprensa; Agronegócio.

Resumen:

El trabajo sobre el lienzo es parte de la investigación realizada por el Grupo de estudios e investigaciones sobre el espacio, la política y las ideologías (GE-EsPi) y tiene como objetivo tratar de comprender la dinámica entre el Estado, la prensa y el sector agroindustrial de la silvicultura en Três Lagoas-MS. En este sentido, el texto busca enumerar algunos aspectos del proceso de territorialización de la silvicultura, centrándose en un conjunto de informes, información, datos, etc., difundidos por la prensa (“Aparato de Hegemonía Privada” - A.P.H.), principalmente aquellos difundidos en el sitio web del ayuntamiento de TL, que, en nuestra opinión, señalan las estrategias en la búsqueda de la hegemonía de los agronegocios de la silvicultura en esta micro-región.

Palabras llave: Hegemonía; Ideología; Prensa; Agronegocios.

Abstract:

¹ Doutorando pela Universidade de São Paulo (FFLCH - USP).

² O G-EsPi foi criado em 2017 com o objetivo de pensar a geografia do capitalismo com base no aparato teórico marxista e, sobretudo, gramsciano.

The work on canvas is part of the research conducted by the Group of studies and research on Space, politics and ideologies (GE-EsPi) and aims to try to understand the dynamics between the State, the press and the silviculture agribusiness sector in Três Lagoas-MS. In this sense, the text seeks to list some aspects of the process of territorialization of silviculture, focusing on a set of reports, information, data, etc., disseminated by the press (Private Hegemony Appliance - A..P.H.), mainly those disseminated on the website from TL City Hall, which, in our view, signal for strategies in the search for the hegemony of silviculture agribusiness in this micro-region.

Keywords: Hegemony; Ideology; Press; Agribusiness

INTRODUÇÃO

“Transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as ideias; viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia” (MARX; ENGELS, 1977).

“[...] os jornais são organismos político-financeiros e não se propõem divulgar as belas-lettras em suas colunas, a não ser que estas belas-lettras aumentem a receita” (GRAMSCI, 2002).

“Fábricas transformam Três Lagoas na ‘Rainha da Celulose’”³

A frase acima, em seu sentido figurado aparentemente banal é uma tentativa de expressar um conjunto de transformações recentes na região de Três Lagoas (TL) no Mato Grosso do Sul (MS) motivadas muito em função da complexa trama que envolve os processos de territorialização de monoculturas como a de silvicultura em diversos países da América Latina. Tal frase, no entanto, sinaliza para um problema mais amplo, no qual certas mensagens aparecem carregadas de conteúdo ou de sentido ideológico (BAKHTIN, 1988).

A formulação da frase se deu num contexto histórico- geográfico específico, ou seja, quando, a partir de 2006-2007, o município de T.L. parece ter sido “(re)descoberto” como a “nova Eldorado”⁴. Só que agora “fabricada” à base de eucalipto, celulose e papel.

Nesse processo de territorialização da silvicultura, como tentaremos demonstrar a seguir, a construção da hegemonia do agronegócio teve como “suporte” o discurso ideológico (re)produzido via *imprensa*, que atuou, a nosso ver, como “*Aparelho ‘Privado’ de*

³ Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/mercado/2012/09/1154109-ex-capital-do-gado-tres-lagoas-ms-vira-rainha-da-celulose.shtml>>. Acesso em: 15-09-2019.

⁴ O termo “*Eldorado*” significa “*O dourado*” em espanhol e está relacionado à lenda indígena da época da colonização da América. Tal lenda relava sobre uma cidade construída em ouro puro, na qual seu imperador tinha o hábito de se espojar no ouro em pó, para ficar com a pele dourada. Eldorado é também o nome de uma das maiores empresas de celulose e papel que atuam em T.L.

Hegemonia” (A.P.H.) (GRAMSCI, 2007), contribuindo assim para a fabricação de uma imagem extremamente positiva sobre as práticas do agronegócio.

Os rearranjos na Sociedade civil local em torno do A.H.P. diante do processo de territorialização do agronegócio de eucalipto-celulose-papel, tiveram o auxílio da imprensa que atuou numa das frentes das ações que visavam, supostamente, alçar a microrregião a um novo patamar econômico com base na silvicultura.

Desse modo, em função da capacidade tática das classes e frações de classes da burguesia agrária em torno da *luta pelo consenso*, o *interesse particular* e restrito de capitalistas, empresários e latifundiários do setor, despontava com *interesse geral* da população local, justamente porque assim os anseios de toda a população por melhores condições estariam hipotecados na agroindústria. Nesse interim, para justificar e legitimar a “fabricação” da “Rainha da celulose” foi imprescindível a atuação da imprensa na construção simbólica positiva (e até idílica) de uma imagem pública sobre o agronegócio de silvicultura.

As condições conjunturais para o desenvolvimento da trama da territorialização da silvicultura em T.L. estavam, é claro, ligadas ao momento histórico de transformações na economia mundial. Por isso, a fabricação do consenso em torno das práticas de silvicultura tinham (e ainda tem) relações com dinâmica econômica mundial transnacionalizada e financeirizada, que não só mantem, mas também intensifica a *dependência* dentre países “periféricos” e “centrais”, intensificando a *subalternização* das primeiras aos ditames dos imperativos da extração de (mais)valor e renda e, por conseguinte, à acumulação do capital, no mercado mundial das trocas desiguais

Não por acaso, no período em questão, no qual a então prefeita Simone Tebet do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), junto com outros interessados em “levar o desenvolvimento econômico” aos mais diversos rincões territoriais do Brasil, a produção, comercialização e distribuição das chamadas *comodities* estava entrando em uma nova fase ao ponto de ocorrer o que alguns autores vão denominar de “reprimarização” da economia (RepE) (PETRAS; VELTMEYER, 2014) que no caso específico da América Latina “[...] representa contratos de longo prazo e em grande escala com corporações transnacionais, que são os atores dessa estratégica de crescimento baseada na dependência das exportações agrominerais” (ALMEIDA, 2015, p. 24).

Estes e outros problemas, reafirmamos, tendem a acentuar as já históricas relações⁵ de subordinação e dependência⁶ do capitalismo brasileiro (*sue generis*, segundo Marini, 2005) em relação aos ditos países centrais, reafirmando assim, num novo patamar, a dinâmica e estrutura global na qual os centros mundiais de acumulação de capital e as regiões periféricas de capitalismo dependente (MARINI, 2005) como é o caso do Brasil, estão vinculadas por mecanismos de transferência de valor que tendem a retro-alimentar a polarização devido às relações de trocas desiguais (MARTINS, 2011, p. 129).

Diante destes determinantes histórico-geográficos, que envolvem ainda a articulação entre as classes burguesas e frações de classe nacionais e internacionais, personificadas, por exemplo, nas figuras de capitalistas, empresários do agronegócio, latifundiários, etc. e, portanto, os rearranjos que se verificam no interior do Estado (Sociedade Civil + Sociedade Política) diante das mudanças externas na economia mundializada, capazes de impor a especialização da produção de *commodities* e bens primários em geral e, concomitantemente, o redirecionamento (agro)estratégico para a produção de papel e celulose, por exemplo, na microrregião de T.L. foi se constituindo o consenso positivo em torno da agroindústria da silvicultura.

A hegemonia das *classes dominantes* foi sendo construída no local mediante uma série de elementos (orientação cultural, direção, dominação e manutenção, construção de significado, persuasão, elaboração do consenso ativo, crenças e construções simbólicas, etc. (GRAMSCI, 2007) que, a nosso ver, procuravam ampliar – via consenso- a adesão das *classes subalternas* ao agronegócio monocultural.

Em certo sentido, a construção dessa imagem era muito próxima àquela que procurou desvincular o agronegócio dos supostos preconceitos e injustiças com que este é visto por grande parte da população na iniciativa (agro)estratégica do Movimento de Valorização do Agro - Sou Agro,⁷ patrocinada pela Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMR&A) realizada em 2011 na sede da Federação das Indústrias do Estado São Paulo (Fiesp), e que envolveu “empresas e entidades de representação do agronegócio brasileiro e produtores rurais” com objetivo de promover um “melhor conhecimento” sobre a importância do agronegócio no Brasil (SOU AGRO, 2011 *apud* BRUNO, 2014, p. 2).

⁵ Relações “[...] entre nações formalmente independentes, em cujo marco das relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência” (MARINI, 2005. p. 141).

⁶ Segundo Marini (2005, p. 127): “Os países dependentes são objeto dessa articulação e oferecem os elementos materiais para a especialização do centro através de sua integração à divisão internacional do trabalho”.

Tal incitativa, se não reverbera diretamente nos A.P.H. em T.L., certamente parece ecoar na região de alguma maneira, até porque seu alcance se pretende nacional e envolve o a união dos mais diversos setores do agronegócio que pretendem atuar de forma coordenada na promoção da imagem do agronegócio, mas ainda que seja assim, e talvez justamente por isso, a nosso ver, as agro estratégias utilizadas em T.L. parecem ter sido determinadas pelas próprias condições da microrregião, sobretudo a insistência no discurso ideológico do chamado desenvolvimento local a reboque do agronegócio de silvicultura.

É, portanto, inserido dentro desse quadro de processos mais amplos que aparece aquilo que é específico nas ações e práticas do “Príncipe eletrônico-digital” em T.L., mediador e transmissor (ideológico) na construção de uma espécie de “pedagogia doutrinária” em defesa do agronegócio de eucalipto, celulose e papel, já que atua junto à “opinião pública”(GRAMSCI, 2000) local por meio de uma retórica que não só justificava as ações do agronegócio de silvicultura, mas também acabava por legitimá-las

Assim, a partir da territorialização do agronegócio de eucalipto/celulose, a mediação da imprensa teve um papel relevante na construção ideológica sobre os rumos inquestionáveis rumos do município diante do “futuro que estava sendo construído”, restando à população aguardar pela abertura dos “desertos verdes”.

Como tentaremos mostrar a seguir, parte significativa da imprensa local atuou como uma espécie de “Príncipe Eletrônico” (IANNI, 1999), só que agora amparada pelo aparato digital da internet numa versão atualizada dentro dos A.P.H., (e por isso “Príncipe-eletrônico-digital”), cumprindo assim, um papel importante na construção do consenso e, por conseguinte, da hegemonia (GRAMSCI, 2007) do agronegócio de eucalipto/celulose na microrregião.

A “FABRICAÇÃO” DA “RAINHA DA CELULOSE”

O município de T.L., situado na região do chamado “Bolsão Sul-mato-grossense”, com sede localizada a 325 km da capital (Campo Grande) tem, na cidade homônima, um dos seus pontos estratégicos no que se refere à produção e circulação de mercadorias, já que a “existência de infraestrutura multimodal (ferrovia, rodovia, dutovia, hidrovias e aerovia)” unida “à fartura de terra, água e energia; subsídio financeiro, isenção fiscal; doação de terrenos; desregulamentação ambiental; mão de obra barata, comparada com a do Sudeste”; a “concatenação governamental (das esferas federal, estadual e municipal); sindicatos despojados de cultura combativa” (RIBEIRO, 2012. p. 84-85) foram alguns dos fatores que

contribuíram para a escolha da região. Evidentemente, “a escolha” não deriva pura e simplesmente de fatores, digamos, internos ou, “vocacionais”, como preferem os ideólogos, mas também estão em sintonia com as exigências externas da dinâmica do capital, principalmente com a crise do sistema financeiro em 2007-2008.

Para o intuito do texto em tela interessa indicar que T.L. tem experienciado transformações substanciais nas últimas duas décadas (2009 a 2019), fundamentalmente devido a industrialização calcada na produção de eucalipto, celulose e papel. Nesse sentido, tem sido notável a rearrumação do espaço local em função deste tipo de atividade, tanto é assim que se outrora a região tinha em seu cerne a pecuária como ponta-de-lança da sua economia (característica, aliás, ligada à histórica concentração de terras na região)⁸ há algum tempo a produção e, por conseguinte, os territórios do município, vêm sendo destinados à silvicultura, sobretudo após a instalação de empresas como a Fibria e Eldorado⁹ Brasil (RIBEIRO, 2012).

Sobre a gênese do processo de territorialização de silvicultura¹⁰, que já despontava no período de 2006-2007, Almeida (2012), destaca que o papel da implementação do complexo de eucalipto-celulose e papel “atingiu seu ápice em 2009 com entrada em operação da fábrica Horizonte 1 em Três Lagoas [...] por meio de parceria entre Fibria¹¹ (resultado da fusão das empresas Votorantim Celulose e Papel e Aracruz Celulose, em 2009) e International Paper/IP.

⁸ Concentração que não só se manteve, mais foi agravada, pois segundo os dados do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (2014), imóveis acima de 1.000 hectares, com pouco mais de 9% do total, ocupavam, em 2014, mais de 69% da área. Ademais, o MS, possui 92% do território privado, o que coloca o estado em primeiro lugar no Brasil em termos de abrangência de propriedades privadas (ATLAS AGROPECUÁRIO, 2017).

⁹ A Eldorado Brasil Celulose S.A. foi fundada em 15 de junho de 2010 pela J&F Participações e pela MCL Participações. Em dezembro de 2012 foi inaugurada a primeira fábrica em Três Lagoas.

¹⁰ As origens do processo são, evidentemente, discutíveis e os marcos históricos aqui servem somente como mote sinalizar de questões mais complexas ligadas às dimensões (políticas, econômicas, governamentais, territoriais, etc.) que conformaram os arranjos entre escaladas regionais, municipais, nacionais e internacionais em contextos específicos do capitalismo brasileiro. Por isso Asevedo (*apud* ABREU, 2013, p. 59): “As raízes da silvicultura nessa região remontam ao final da década de 1970, ou seja, o governo militar – ávido em criar uma região produtora de eucalipto e pinus para abastecer indústrias siderúrgicas do Sudeste – realizou investimentos em projetos de ‘florestamento-reflorestamento’ na área compreendida entre Campo Grande e Três Lagoas através do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), vigente de 1975-1981”.

No entanto, ao que tudo indica, foi a partir dos anos 2000 que o processo se intensificou, até porque a forma como as personificações do capital atuaram estrategicamente e passaram a lidar com a questão da territorialização foi muito mais incisiva no período em questão, quando a expansão da silvicultura ganhou novos patamares, como afirma Almeida (2012). Foi também nesse momento que a imprensa passou a anunciar corriqueiramente os andamentos dos projetos e a chegada das empresas ao município.

¹¹ A Fibria Celulose S.A. é a líder mundial na produção de celulose de fibra curta, contando com unidades industriais localizadas em Aracruz (ES), Jacareí (SP), além de Eunápolis (BA), onde mantém a Veracel em joint-operation com a Stora Enso.

Almeida (2010, p. 3), destaca ainda, com base nos dados do Valor econômico de 2009 e 2011 e na ABEAF (2011) relevância da velocidade de expansão do plantio de eucalipto no Estado do MS. E, nesse sentido, demonstra “que o aumento do plantio de eucalipto em Mato Grosso do Sul foi de 83% no período de 2005 a 2007, a maioria sob controle da Fibria por meio da unidade sediada em Três Lagoas”. Já no período 2011, o Mato Grosso do Sul totalizou 475.528 ha (crescimento de 24,3%). Nessa mesma direção, seguindo o anuário da ABRAF (2011), a autora discorre:

[...] expansão do plantio de eucalipto deu a Mato Grosso do Sul, ano base 2011, a 4ª posição, ficando atrás apenas de MG, SP e BA. Antes o Estado ocupava a 8ª posição em área plantada. Ainda segundo a ABRAF (2011), no período 2000-2011 a produção nacional de celulose aumentou 87,7% (5,9% a.a.), e as exportações cresceram 190,4% (10,2% a.a.). Em 2011, a produção brasileira de celulose totalizou 14,0 milhões de toneladas e o consumo interno foi de 5,9 milhões de toneladas. Neste mesmo período, as exportações de celulose somaram aproximadamente 5 bilhões de dólares, apresentando um crescimento de 5,0% em relação a 2010. Os principais destinos da celulose brasileira são os mercados asiático e europeu. Somente a China e a Europa importaram, juntas, 2,6 milhões de dólares (ALMEIDA, 2010, p. 4-5).

O raio de ação do complexo arbóreo-celulósico-papeleiro abarcava já, naquele período, a região Leste do MS, com a maior concentração de área plantada na microrregião de T.L. Tamanha velocidade da expansão foi fomentada pela imprensa que atuou, quase que inteiramente, de modo favorável à implementação das ações do agronegócio de silvicultura. A “fabricação” ideológica da imagem do município como *locus* ou “capital mundial da celulose”, como era divulgado, teve, em meio ao conjunto de ações ordenada entre Estado, capital e agronegócio, o “auxílio” da imprensa como A.P.H. atuando, portanto, ideologicamente¹² no processo de territorialização hegemônica do agronegócio de silvicultura no local.

O “PRÍNCIPE-ELETRÔNICO-DIGITAL” NO “CASTELO DE PAPEL”

Para tentar demonstrar o papel da imprensa como A.P.H. atuando na microrregião em questão, procuramos analisar um conjunto de notícias veiculadas desde os primeiros

¹² Na visão dialética de Gramsci (2006a, p. 238): “[...] as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais”.

indícios da territorialização do agronegócio de silvicultura, principalmente aquelas divulgadas no website da própria prefeitura de T.L., pois estas são, a nosso ver, fontes importantes da ação, pedagógica¹³ (e ideológica) que se dá no interior dos A.P.H. tendo em vista que uma parcela importante da imprensa buscou (e ainda busca) *informar* a “opinião pública”¹⁴ procedendo de modo a aproximar o ideal de “desenvolvimento para todos” (TRESLAGOAS.MS, 2019) ao modelo de desenvolvimento pautado pelos números do agronegócio, ou seja, o modelo monocultor-predatório de silvicultura.

Tal relação se expressaria por meio da “gestão, controle e prevenção de impactos”, das “iniciativas sustentáveis”, da “inclusão social”, dos chamados Programas de desenvolvimento Rural e Territorial (PDRT), da Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), da “responsabilidade empresarial” dentre outros¹⁵, de modo que o próprio agronegócio (responsável direto e indireto pelos problemas causados) faria a “boa administração” dos “recursos humanos e naturais” assegurando assim, o “desenvolvimento sustentável”¹⁶ do município.

Exercendo o seu papel na estrutura dos “Aparelhos ‘privados’ de hegemonia”¹⁷ (GRAMSCI, 2007), isto é, como instrumento relativamente autônomo frente ao Estado (em

¹³ Escreve Gramsci (2006a, p. 399): “toda a relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica”.

¹⁴ Nos Cadernos, Gramsci (2007, p. 265), escreve que: “O Estado, quando quer iniciar uma ação pouco popular, cria previamente a opinião pública adequada, ou seja, organiza e centraliza certos elementos da sociedade civil” Nesse sentido, segundo Bastos Junior (2010, p. 51-52, pode-se depreender um duplo sentido p que se encontra vinculado o conceito de opinião pública em GRAMSCI: um “representando ora uma ideia de situação produzida pela classe dirigente para adquirir legitimidade (opinião pública favorável)”, ou seja, “um conjunto de ações pré-ordenadas, em razão de sua função ideologicamente orientada, aptas a alcançarem uma determinada expectativa social que pode se concretizar ou não, e em o atingindo, implicará uma resposta afirmativa aos anseios que a originaram”. Ora “a expressão de elementos da própria vontade coletiva apreendida através dos diferentes meios de opinião, que possibilitem a identificação e construção daquilo de uma “vontade coletiva com determinado grau de homogeneidade, grau que é necessário e suficiente para determinar uma ação coordenada e simultânea no tempo e no espaço geográfico em que o fator histórico se verifica”(GRAMSCI, 1989, p. 90).

¹⁵ Foge ao escopo deste artigo detalhar cada uma destes temas, assim, deixemos aqui os links dos websites onde alguns deles podem ser encontrados: <<http://www.eldoradobrasil.com.br/Sustentabilidade>>. Acesso em: 11-08-2019., <<https://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/iniciativas-sustentaveis-fibria/>>. Acesso em: 11-08-2019., <<http://www.ciespjacarei.org.br/noticias/fibria-e-eleita-a-empresa-sustentavel-do-ano/>>. Acesso em: 11-08-2019. <<https://ideiasustentavel.com.br/responsabilidade-socioambiental-fibria-integra-indice-de-sustentabilidade-empresarial-da-bmfbovespa-pelo-4-ano-consecutivo/>>. Acesso em: 11-08-2019.

¹⁶ Essa “preocupação” do agronegócio de eucalipto/celulose com o “desenvolvimento sustentável” e a “defesa do meio ambiente,” ou que melhor, daquilo que acreditam ser estes dois temas, também é notável em outros setores, ainda que com concepções distintas, mas que sempre se confundem com os interesses do agronegócio. O denominador comum entre elas é a *associação entre sustentabilidade e preservação ambiental com negócio*. Cf. Bruno (2014).

¹⁷ Segundo Coutinho (1994, p. 54-55), os A.P.H. “[...] são organismos sociais ‘privados’, o que significa que a adesão aos mesmos é voluntária e não coercitiva, tornando-os assim relativamente autônomos em face do Estado em sentido estrito; mas deve-se observar que Gramsci põe o adjetivo ‘privado’ entre aspas, querendo com isso significar que — apesar desse seu caráter voluntário ou ‘contratual’ — eles têm uma indiscutível dimensão pública, na medida em que são parte integrante das relações de poder em dada sociedade”.

sentido estrito) a difusão de ideias sobre a transformação da “Cidade das águas” em “capital da celulose mundial” teve início com a implementação da produção de eucalipto, celulose e papel já no segundo semestre de 2006, quando a construção hegemônica para a formação da “opinião pública” foi necessária para abrir caminho ao chamando desenvolvimento com base na silvicultura. No período em questão, o *website* da própria prefeitura de Três Lagoas divulgou a notícia com apelo conhecido da “geração de emprego”¹⁸:

Simone esteve também com José Luciano Penido, diretor-presidente da Votorantim Celulose, parceira da International Paper. A prefeita esclareceu que o presidente estará em Três Lagoas no próximo dia 16 e devem reunir a imprensa para falar sobre a instalação da fábrica da IP/VCP no município. Em seu encontro com o presidente a prefeita foi informada que, na troca de ativos, a Votorantim entregou uma fábrica pronta, localizada no interior de São Paulo à International Paper e passa a ser a maior investidora, com cerca de um bilhão de dólares. ‘Depois de pronta a IP vai gerar dois mil empregos diretos, ao invés de 800, como já fora anunciado anteriormente, garantiu Simone’¹⁹

Num inusitado dia 1 abril de 2009, lê-se:

A maior fábrica de Mato Grosso do Sul, instalada em Três Lagoas, iniciou sua operação na última segunda-feira (30). A Votorantim Celulose e Papel (VCP) já emprega cerca de dois mil trabalhadores diretos e indiretos. A indústria de celulose deve gerar um aumento de 300% no Produto Interno Bruto (PIB) do município, e no Estado o crescimento previsto é de 13,5%²⁰

No mesmo ano, no mesmo portal, chama a atenção duas outras notícias. Uma delas expõe o seguinte:

A Prefeitura de Três Lagoas recebeu neste domingo (19) [de julho de 2009] toda a estrutura e equipamentos que compõem um dos dois alojamentos construídos pelas empresas International Paper (IP) e Votorantim Celulose e Papel (VCP) no município. No evento também foram entregues mil conjuntos de móveis, compostos por cama, colchão e armário de solteiro, às famílias cadastradas pela Secretaria de Assistência

Nesse sentido, conforme Gramsci (2000), a imprensa é um dos complexos que, dentro da totalidade capitalista, aparece como aparelho privado de hegemonia. Sua característica dentro da Sociedade civil é sedimentar a construção de um dado consenso em torno da hegemonia de um determinado grupo.

¹⁸ A notícia, no entanto, como era de se esperar, sequer toca na questão desta “geração de empregos” ser temporária e com os usos e abusos d trabalho em condições precárias.

¹⁹ Disponível em: < <http://www.treslagoas.ms.gov.br/simone-anuncia-antecipacao-do-13o-aos-servidores-e-mais-empregos-com-a-vinda-da-ip-e-vcp/>>. Acesso em: 21-08-2019.

²⁰ Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/maior-fabrica-do-estado-comeca-a-operar-em-tres-lagoas/>>. Acesso em: 15-08-2019.

Social, Cidadania e Trabalho de Três Lagoas. Participaram da entrega a prefeita Simone Tebet (PMDB)²¹.

Na outra, se lê no título: “Votorantin Celulose e Papel entrega alojamento para o Município”, e na sequência relata:

Na manhã desta quinta-feira (20) a Votorantin Celulose e Papel (VCP) fará a entrega oficial de seu alojamento para o Município. O evento será às 9h no alojamento, localizado na rodovia MS 395, saída de Três Lagoas para Brasilândia. O local foi construído em 2007 para abrigar parte dos profissionais contratados pelas empresas responsáveis pela construção das fábricas de papel (IP) e celulose (VCP). A estrutura é composta por 380 quartos, um centro social, uma sala de cinema, salas de TV e vídeo, sala de alfabetização, ambulatório médico, salas de administração, manutenção e recepção. Há ainda estrutura de lazer que contempla quadra poliesportiva, campo de futebol iluminado e materiais esportivos²².

Por sua vez, no portal “De olho nos ruralistas”, foi exposto que:

Simone e Eduardo [seu marido] têm suas campanhas majoritariamente financiadas pelo agronegócio. A campanha de 2014 da senadora somou R\$ 3 milhões em empresas e pessoas físicas ligadas ao agronegócio, 94% do que arrecadou naquele ano. O deputado estadual recebeu R\$ 317 mil de um grupo similar de doadores, metade do valor de sua campanha. Em 2018, a receita de campanha de Rocha caiu pela metade (R\$ 351 mil), mas ficou praticamente em família. A sogra Fairte Nassar Tebet (viúva de Ramez Tebet, ex-presidente do Senado) e Simone Tebet, proprietárias de terras, doaram R\$ 90 mil. Entre as empresas, a principal doadora em 2014 foi a JBS, com R\$ 52 mil para Rocha e R\$ 1,7 milhão para Simone. Após a delação premiada dos sócios da empresa, ambos participaram de Comissões Parlamentares de Inquérito na Assembleia e no Congresso. Rocha chegou a propor um acordo de leniência para resolver o bloqueio de R\$ 115 milhões dos bens da JBS, determinado pela Justiça”. Além disso: “Em 2012, o Ministério Público Federal investigava Simone por contratação ilegalidade fundação para cuidar da saúde de Três Lagoas, quando era prefeita. Em 2016, a senadora teve os bens bloqueados por causa de outra ação do Ministério Público Federal, relativa ao desvio de verbas para a construção de um balneário no município²³.

Ironicamente, no seu website, Simone Tebet, em sua suposta atitude anticorrupção ou contra corrupção²⁴, escreve:

²¹ Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/fabricas-de-celulose-e-papel-doam-conjuntos-de-moveis/>. Acesso em: 15-08-2019.

²² Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/votorantin-celulose-e-papel-entrega-alojamento-para-o-municipio/>. Acesso em: 15-08-2019.

²³ Disponível em: <https://deolhonorsruralistas.com.br/deolhonoms/2018/11/18/simone-tebet-quer-obrigar-uniao-a-indenizar-fazendeiros-em-dinheiro-por-terras-indigenas/>. Acesso em: 15-09-2019.

²⁴ Como se sabe, a questão da corrupção e, mais precisamente, o seu uso político, ganhou expressividade novamente nos últimos no Brasil e na América Latina. Análises sobre o tema encontram-se em: BOITO

Quero deixar claro que sou a favor da Operação Lava Jato, do trabalho da Polícia Federal. Jamais defenderia o indefensável, que é a corrupção. Agora, precisamos, neste momento delicado em que vive o País, ter responsabilidade. Não podemos aceitar fraude econômica, principalmente no setor alimentício. Polícia Federal vá a fundo e investigue. Puna, multa, interdite, feche estabelecimentos comerciais ou frigoríficos. Coloque na cadeia grandes ou pequenos, servidores públicos, iniciativa privada e políticos do Brasil, mas cuidado, porque nós estamos tratando de um dos carros-chefes da economia do Brasil, que é o Agronegócio²⁵.

Já em fevereiro de 2010, para comemorar o aniversário de 1 ano do projeto “Horizonte 1” e de fato inaugurar o complexo, Três Lagoas recebeu a emblemática visita do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. À época, a notícia foi divulgada em inúmeros meios midiáticos como JPNEWS, TERRA.COM, CANALRURAL, DOURADOS AGORA, dentre outros. Destaca-se aqui como a página da prefeitura fez tal divulgação:

Esta sexta-feira (19-02-2010) foi uma data histórica para Três Lagoas. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), esteve no município para visitar as fábricas de papel e celulose, Fibria e International Paper, que iniciaram suas operações no início de 2009 e funcionam no mesmo complexo em Três Lagoas²⁶.

Nesse caso, a notícia da visita sinaliza para a articulação entre as frações do governo local e nacional, cujo sentido caminhava na direção de fortalecer um *programa político de reforma econômica aos moldes do neoliberalismo* e sob a predominância do *sistema financeiro* (rentista, à juros, fictício, etc.) e em conformidade com os interesses da bancada ruralista-latifundiária, o que remete à multiescalaridade do processo, de modo que a mensagem divulgada nas palavras do ex-presidente para uma plateia ansiosa em ouvi-lo, principalmente o presidente da Fibria, Carlos Aguiar, diretor da International Paper, Jean-Michel Ribiéras e a então prefeita Simone Tebet, pautou-se na palavra de ordem: “desenvolvimento florestal”.

No mesmo ano, a empresa Eldorado, sob controle do grupo JBS²⁷, o mesmo grupo que financiou campanhas como a de Simone Tebet e outros inúmeros políticos, outra gigante

JUNIOR, Armando. A corrupção como ideologia. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 44, p. 9-19, 2017. E BRATSIK, P. A corrupção política na era do capitalismo transnacional. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 44, p. 21-42, 2017.

²⁵ Disponível em: < <https://simonetebet.com.br/simone-tebet-defende-o-agronegocio-no-dia-mundial-da-agua/>>. Acesso em: 15-08-2019.

²⁶ Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/fabricas-de-papel-e-celulose-de-tres-lagoas-recebem-visita-do-presidente-lula/>> Acesso em: 21-08-2019.

²⁷ A mega empresa transnacional JBS S.A. foi fundada em Goiás, em 1953 atualmente é controlada J&F Investimentos é uma *holding* brasileira pertencente à família Batista. Além disso, a JBS é uma das maiores indústrias de alimentos do mundo além de produzir e comercializar inúmeros outros produtos (laticínios,

do setor resolveu aportar em Três Lagoas. A notícia foi reportada pelo portal online Campo Grande News de 08-12-2012²⁸ da seguinte maneira: “Com a produção de 1,5 milhão de toneladas de celulose branqueada de fibra curta por ano, a Eldorado Brasil Celulose alçará Três Lagoas à condição de Capital Mundial da Celulose. Com isso, junto com a outra fábrica existente na cidade, complementa a matéria: “serão 2,8 milhão toneladas de celulose produzidas no município, isso sem os projetos de expansão”.

À época, o projeto faraônico era orçado em aproximadamente R\$ 6,2 bilhões, sendo R\$ 2,7 bilhões financiados²⁹ com recursos públicos via BNDES³⁰ (CAMPO GRANDE NEWS, 2010).

Observando esse cenário em Três Lagoas, Carolina Marcondes, uma das responsáveis pela matéria escrita no portal online do G1, em 2010, chegou a escrever que devido às mudanças o “município de 95 anos trocou a vocação [natural?]”³¹ para a pecuária pela silvicultura” (G1, 2010)³², sem deixar de ser agro (CORREIO DO ESTADO, 2017)³³.

proteína animal, cosméticos, limpeza etc.) ao redor do mundo. A empresa atua em 22 países e está envolvida em uma série de processos trabalhistas, além de inúmeras e vultosas doações para campanhas eleitorais.

²⁸ Ainda, segundo a matéria: “Entre as autoridades convidadas para a inauguração prevista para iniciar às 10h, estão à presidenta da República, Dilma Rousseff, o governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli, além da prefeita de Três Lagoas, Márcia Moura, de autoridades da região, e de empresários vindos de várias partes do País e do exterior. A presença da presidenta Dilma, ou do vice-presidente, Michel Temer, caso a represente, só será confirmada a dois ou três dias do evento. Após os discursos de dirigentes da empresa e de autoridades, o tenor italiano Andrea Bocelli fará uma apresentação especial para convidados da Eldorado Brasil”. Já o presidente da Eldorado Brasil, José Carlos Grubisich, destacava à época; “Vamos exercer um papel de liderança no mercado mundial de celulose já no curto prazo”. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/economia/com-eldorado-tres-lagoas-se-torna-capital-mundial-da-celulose>. Acesso em: 15-08-2019.

²⁹ Em quase todas as matérias divulgadas a uma tendência ao uso de termos, metáforas, hipérboles para expressar a os projetos: “grandioso... maior... gigantesca... colosso industrial”. Além disso, a divulgação do aparato tecnológico e maquinário é frequentemente exposto num sentido muito claro de corroborar aquilo que se escreve, como é divulgado, por exemplo, no PERFILNEWS, outro portal da região. Neste mesmo portal, em matéria com data de 23-10-2012, lê-se o seguinte trecho: “Para ter uma ideia do tamanho desse desafio e da dimensão do empreendimento a reportagem conseguiu apurar alguns cálculos, digamos, superlativos. Com 98% das obras do complexo industrial concluídos foram empregados; 40 mil toneladas de aço, 35 mil toneladas de estrutura metálicas, 200 mil metros quadrados de áreas pavimentadas, 9 milhões de metros cúbicos de volume de terraplanagem, 350 mil metros cúbicos de concreto lançado, 12 mil trabalhadores no pico da obra, 463 empresas parceiras que atuaram no projeto, 4.970,000 refeições servidas, 50 mil crachás emitidos”. Disponível em: <https://www.perfilnews.com.br/economia/fabrica-de-celulose-da-eldorado-brasil-ja-esta-98-concluida>. Acesso em 15-08-2019.

³⁰ Segundo Bugiato (2014, p. 93), “[...] o papel do BNDES no capitalismo brasileiro consolidou por meio de financiamentos a projetos de investimentos, aquisição de equipamentos e exportação de mercadorias e serviços”.

³¹ A ideia de uma suposta “vocação agrícola”, como sinaliza, Bruno (2014, p. 4) é uma das formas de tentar moldar a percepção do cidadão urbano sobre agro e os produtores rurais e empresários do agronegócio.

³² Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/06/especial-polo-de-celulose-tres-lagoas-tem-infraestrutura-fraca.html>>. Acesso em 16-08-2019.

³³ Disponível em: <<https://www.correiadoestado.com.br/economia/sem-deixar-de-ser-agro-ms-consolidacao-industrial/313096/>>. Acesso em: 15-08-2019.

Novamente, em divulgação no próprio *website* da prefeitura de Três Lagoas, e publicado em março de 2010, tem-se a seguinte nota: “Três Lagoas (MS) aumentou em 8.660% o índice de exportação no comparativo de janeiro de 2009 a janeiro de 2010, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior”. Essa elevação na exportação da cidade, completa a mensagem do site, “auxiliou também no crescimento do volume de exportação do estado de Mato Grosso do Sul, que atingiu 6,34% no comparativo” (TRES LAGOAS MS, 2010)³⁴. Já numa outra nota, de outubro do mesmo ano, lê-se: “Três Lagoas (MS) é líder no ranking de exportações do Estado. De janeiro a setembro deste ano, o município remeteu ao exterior US\$ 507,4 milhões em mercadorias, praticamente o triplo do mesmo período do ano passado” (TRES LAGOAS MS, 2010)³⁵.

A divulgação maciça continuou em paralelo ao avanço do setor na região. Em 2012, por exemplo, no 45º Congresso e Exposição Internacional de Celulose e Papel realizado em São Paulo, o então secretário de desenvolvimento econômico de Três Lagoas, Marcos Garcia, fez o pronunciamento de abertura do evento e dentre outras coisas destacou: “O Poder Público de Três Lagoas apoia o setor”. Disse ainda que: “O crescimento econômico que Três Lagoas teve devido à expansão industrial dos últimos anos faz aumentar nossa responsabilidade”. Temos, disse ele: “muito orgulho das empresas instaladas em Três Lagoas, e elas fazem parte do crescimento da Cidade”. E por fim, arrematou: “Na região de Três Lagoas temos um horizonte para ampliações do maciço florestal, sem impactar o meio ambiente³⁶. Estamos preparados para receber vocês em nossa Cidade”³⁷.

³⁴ Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/indice-de-exportacao-de-tres-lagoas-aumenta-com-entrada-de-celulose-e-papel/>. Acesso em: 15-08-2019.

³⁵ Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/papel-e-celulose-triplicam-exportacoes-em-tres-lagoas/>. Acesso em: 16-08-2019.

³⁶ O absurdo dessa fala não deixa de ser surpreendente tendo em vista uma série de exemplos concretos ao redor do Brasil, na microrregião de Três Lagoas e nas regiões próximas dos impactos ambientais e sociais da monocultura de eucalipto. Em relação ao município, as análises feitas por Almeida (2012) são tão somente parte das inúmeras fontes que ajudam a desmarcar esse discurso. A autora relata “[...] o caso do mau cheiro em Três Lagoas em 2009. [...] médios proprietários da microrregião de Três Lagoas têm relatado o fim da atividade de engorda de bovinos, não como opção, mas quase como uma saída inevitável. As propriedades de pecuária têm se tornado ‘ilhas’, com aumento nos casos de ataques de onças (sem comida nos eucaliptais) sobre os rebanhos [...] [...] A cada nova manifestação dos migrantes temporários denunciando falta de condições de vida e trabalho, assistimos à banalização das reivindicações por parte dos que têm o dever de resolver. Basta uma visita nos alojamentos para se entender que são barris de pólvora. [...] Há registros de que para baratear os custos com despesas de hospedagem para os trabalhadores da referida obra, as empreiteiras superlotavam as residências e os hotéis, com ‘camas que não esfriavam nunca’, deixando os trabalhadores em más condições de higiene, entre outras situações de precarização e violência. Este fato chegou a ser denunciado ao Ministério Público do Trabalho, que criou uma força-tarefa para investigar a situação. Constatou-se na época que eram mais de 120 alojamentos na cidade (entre casas residências e hotéis) ligados a aproximadamente 250 empresas contratadas pela Fibria para a construção da indústria” (Idem, p. 6 passim).

³⁷ Todas as citações se encontram no mesmo site da prefeitura de Três Lagoas já referenciado.

Em 2013, a notícia apresentada no site da prefeitura fazia referência à fala da ex-prefeita Márcia Moura (PMDB)³⁸, sucessora de Simone Tebet, durante abertura da 1ª Semana de Celulose e Papel de Três Lagoas. Como está exposto na matéria, Márcia Moura cantou louros aos números superlativos dos investimentos. Disse ela que: “No setor industrial destacam-se as linhas de produção de papel e celulose, Fíbria e International Paper com investimento na ordem de U\$ 1,8 bilhão e a Eldorado Brasil com investimento de R\$ 6,2 bilhões” (TRES LAGOAS MS, 2013)³⁹. Na ocasião, compareceram ainda no evento, o gerente técnico da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTC), Cláudio Chiari, o gerente do Senai, Adevaldo Vasconcelos Reginaldo, Guilherme Antônio T. de Araújo (gerente Geral da Eldorado Brasil), Renato Bastos Ottoni (gerente Geral da Fíbria), Marcelo Nale Fabiano (gerente Geral da International Paper) e Manoel Neves (gerentes de estudos Econômicos da Pöyry). Nem poderia ser diferente, já que sua presença não só tem a intenção de fortalecer alianças, mas também serve como (auto)propaganda frente a opinião pública que precisa ser cativada.

No mesmo ano de 2013, chama à atenção a nota divulgada no site da prefeitura. Na nota o Departamento Municipal de Cultura de Três Lagoas, em parceria com a empresa Fíbria, promoveu o Concurso de Fotografias “Sombra, Fruto... Beleza”. Tal concurso seria uma homenagem (sic!) ao “Dia da Árvore”. A diretora do departamento de cultura, Vickie Vituri, expressou sua satisfação com as seguintes palavras: “é uma excelente oportunidade para mostrar as belezas de Três Lagoas através do olhar de talentos de nossa Cidade”. Parte importante da construção da imagem do agro de silvicultura, portanto, incorpora a dimensão cultural representada nas comemorações como forma de persuasão social que vincule a memória local ao agronegócio.

Foi anunciado em 2015 o projeto “Horizonte 2”, uma expansão da fábrica da Fíbria em Três Lagoas, que se concretizou em 2017. Novamente, as notícias ecoavam a grandiosidade e as supostas benesses do novo projeto. Lê-se: “A nova linha tem produção para 1,95 milhão de toneladas por ano”. “E, se somada a unidade que já funciona, vai dar algo em torno de 3,25 milhões de toneladas ao ano. “Já em termos totais, em todas as fábricas da empresa no Brasil, a soma ultrapassa os 7 milhões de toneladas anuais”. “Vamos falar em

³⁸ Em 2017, a ex-prefeita passou a ser investigada pela Polícia Federal (PF) e a Controladoria Geral da União (CGU). A investigação tinha o objetivo de combater fraudes que aconteceram na gestão de Moura, entre 2015 e 2017, em relação a licitações âmbito da Prefeitura Municipal de Três Lagoas/MS, em três procedimentos licitatórios relacionados ao transporte escolar, com recursos federais.

³⁹ Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/prefeita-apresenta-potencialidades-de-tres-lagoas-na-semana-de-celulose-e-papel/>>. Acesso em 15-09-2019.

números: 7,5 bilhões de reais foi o investimento feito pela Fibria para o Projeto Horizonte 2”. “A empresa gerou 40 mil empregos e mais de 800 mil horas de treinamento nas áreas florestais e de industriais”. “Essas e outras instalações são resultado de pesquisas, planejamento, esforço e ousadia. É dessa forma que a Fibria incorpora a sustentabilidade e a excelência operacional”, garantiu o presidente” (CELULOSEONLINE, 2018)⁴⁰.

Em meio a essa propaganda ideológica assomam-se àquelas divulgadas pela assessoria de comunicação empresarial reproduzidas pelo site da “rádio caçula”, uma das maiores em audiência na região. Nesse caso, na construção do projeto “Horizonte 2”, segundo as informações da Ascom (Assessoria de comunicação) divulgadas através do portal da Rádio, o foco seria na melhoria contínua de suas práticas industriais, buscando incansavelmente a meta de eliminação de acidentes em suas operações. Ainda segundo a matéria, a empresa estaria: “Comprometida com a segurança e a saúde de seus profissionais [...] a empresa comemora o baixo índice de acidentes durante a execução da obra”⁴¹.

Ainda 2015, novamente a ex-prefeita Márcia Moura (MDB) acompanhada da Senadora Simone Tebet (MDB) e do governador de Mato Grosso do Sul Reinaldo Azambuja (PSDB) e dos deputados Estaduais Eduardo Rocha (MDB), Ângelo Guerreiro (PSDB) e Rinaldo Modesto (PSDB). Além de José Batista Sobrinho “Zé Mineiro” do grupo JBS, o desembargador João Maria, presidente do Tribunal de Justiça, o senador Waldemir Moka (PMDB), o presidente da Câmara de vereadores, Jorge Aparecido Queiroz “Jorginho do Gás” (PSDB), prefeitos da região, secretários de Estado, representantes de federações e instituições do Estado, vereadores, secretários municipais e empresários se reuniram para participarem do lançamento da pedra fundamental da ampliação da Eldorado, o chamado “Projeto vanguarda 2.0”.

Nesta segunda linha da fábrica, a capacidade de produção era estimada em 2 milhões de toneladas por ano com potencial de ampliação para até 2,3 milhões de toneladas. “Isto, somado aos 1,7 milhões/ano que já produzimos, teremos aqui o maior complexo industrial de celulose do mundo”, pontuou o José Carlos Grubisich Filho, diretor presidente da Eldorado.

A promessa redentora da “geração de emprego” comparece mais uma vez no discurso, já que o presidente da empresa dizia que seriam gerados mais de 20 mil empregos diretos e indiretos através daqueles dos R\$ 8 bilhões de investimentos (em parte novamente

⁴⁰ Disponível em: <https://www.celuloseonline.com.br/projeto-horizonte-2/>. Acesso em: 16-08-2019.

⁴¹ Disponível em: <https://www.radiocacula.com.br/noticias/economia/obra-de-expansao-da-fibria-em-tres-lagoas-e-uma-das-mais-seguras-do-mundo>. Acesso em: 16-08-2019.

com dinheiro dos cofres públicos). Junto a isso a ex-prefeita Márcia Moura pronunciava que: “A Eldorado é parceira e faz diferença na formação da cidadania, pois cumpre com o seu papel social” (TRES LAGOAS MS, 2015)⁴².

No mesmo diapasão, Simone Tebet, que também participava do ato, declarou:

Há quem diga que não, mas eu discordo e digo que indústria traz crescimento e desenvolvimento, pois tínhamos 85 mil habitantes em 2004 e hoje são mais de 110 mil habitantes. Há 10 anos tínhamos uma renda Per Capita de R\$ 11,6 mil. Nós fechamos 2014 com renda Per Capita maior que R\$ 35 mil, isto é, crescimento e desenvolvimento (TRES LAGOAS MS, 2015)⁴³.

O fetichismo pelo crescimento/desenvolvimento que se traveste na exaltação dos números comparece na fala da ex-prefeita, que defende sua argumentação por meio da velha e falaciosa retórica dos índices de crescimento econômico aos moldes capitalistas como pressuposto para o desenvolvimento dos habitantes locais. Mas a insistência em colocar a questão em “termos numéricos”, além de deixar uma sensação de desumanização (CARMO, 2014), tem como plano de fundo o fato de que a reprodução de dados e informações estatísticas carrega em si uma postura determinada, já que estes dados são provenientes de escolhas e intenções, ainda mais neste caso.

Ademais, os índices propagandeados pela ex-prefeita são extremamente limitados no que tange às condições materiais efetivas do conjunto de “habitantes” (que se supõe não ser uma abstração vazia como transparece na fala da ex-prefeita) e, portanto, deixa de lado, convenientemente, as condições conjunturais de elevação da renda de uma parcela da população que não pode ser tida como a totalidade da população. Mas mesmo assim, a inserção deste tipo de discurso no interior dos A.P.H., aparecem como se fossem preceitos inevitáveis e, no limite, naturais que gira em torno de tautologias como a necessidade de crescimento econômico que é gerado condição natural que a economia tem para crescer. A indústria faz a economia crescer porque a economia, crescendo, faz a indústria se ampliar! E isso, segundo a ex-prefeita, é bom “para todos”.

Diante do fetichismo dos números, a visão circula é a de que tudo deve ser encaixado nos moldes do conhecido determinismo econômico representado na “prova cabal” “dos números” que, por sua vez, expressam, sem maiores problemas, o

⁴² Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/marcia-prestigia-lancamento-da-pedra-fundamental-para-ampliacao-da-eldorado/>>. Acesso em: 16-08-2019.

⁴³ Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/marcia-prestigia-lancamento-da-pedra-fundamental-para-ampliacao-da-eldorado/>>. Acesso em: 16-08-2019.

crescimento/desenvolvimento econômico calcado na agroindustrialização (principalmente na agroindústria de tipo monocultural), a qual todos os “habitantes” devem não só acreditar, mas também aceitar e aderir de modo consensual.

O que a fala reducionista da ex-prefeita oculta, portanto, são os mecanismos capitalistas (para além da aparência) ancorados num tipo de “produção” que extrai ao máximo mais-valor da força de trabalho superexplorada (MARINI, 2005) e, simultaneamente, degrada a natureza e impacta a saúde dos trabalhadores(as) assim como aqueles que já estão mais vulneráveis à marcha do capital (povos originários, pobres, mulheres, idosos, etc.). Em suma, como bem ressaltou Mészáros (2011, p. 24), estas questões giram em torno da *“automitologia de crescimento: um ‘crescimento’ em última instância autodestrutivo que significa nada mais que a necessidade alienante, porém absoluta, da expansão e acumulação do capital, independente das consequências”*.

Desse modo, o “salto econômico” promovido pela indústria de silvicultura, o qual a ex-prefeita defende piamente, numa apologia descarada ao capital e ao agronegócio, obnubila a seletividade própria desse tipo de “desenvolvimento”. Ao mesmo tempo, sua fala faz coro aos clichês da linguagem vulgar da “economia brasileira”, cujos chavões pretendem justificar a adesão acrítica à silvicultura.

Em 2017, a Fibria anunciava que iria continuar investindo em Mato Grosso do Sul para a expansão da sua planta industrial localizada em Três Lagoas. Já sinalizando, portanto, para o “Horizonte 3”. No entanto, numa mudança agroestratégica, o que ocorreu foi a fusão da empresa com o Grupo Suzano, em 2019. Nesta fusão, a Suzano que é a maior produtora global de eucalipto e uma das 10 maiores de celulose do mercado, comercializando em 31 países e vendendo para mais de 60, passou a assumir o controle acionista da Fibria. A união criou a maior produtora de celulose e papel da América Latina, com valor de mercado girando em torno de 79 bilhões de reais (JPNEWS, 2019).

Recentemente, em 2019, foi noticiada a chegada de mais uma empresa do setor em T.L. trata-se da Tissue: Unir Indústria e Comércio de Produtos Higiênicos Ltda.⁴⁴,

⁴⁴ No website da “Radio caçula” em matéria divulgada na data de 12-09-2019, segue o seguinte trecho: A ida da empresa para Três Lagoas “nasceu da necessidade do empresário em expandir seus negócios, buscando produzir material que já tinha experiência há 15 anos atuando em três divisões: papéis descartáveis, sacolas de papel personalizadas e papéis especiais produzidos de acordo com as necessidades dos clientes. Em Três Lagoas a atividade principal da empresa será a fabricação de papel higiênico folhas simples, duplas e triplas; toalha de cozinha e guardanapos folhas simples e duplas, chegando a aproximadamente 300 mil toneladas ano”. Disponível em: <<https://www.radiocacula.com.br/noticias/economia/fabrica-de-papel-tissue-chega-a-tres-lagoas-e-lancara-pedra-fundamental-na-proxima-semana>>. Acesso em: 16-09-2019.

pertencente ao Grupo Anin. Parte da notícia divulgada no website do Correio do Estado e segue o mesmo *modus operandi* de exaltação (e aceitação acrítica) das anteriores:

O investimento previsto é de R\$ 192 milhões, com geração de 150 empregos diretos e capacidade para produzir 30 mil toneladas de papel higiênico e guardanapo por ano. Esse volume deve levar a empresa a figurar entre as 10 maiores produtoras de papel tissue do Brasil. O projeto foi apresentado hoje [12-03-2019] em reunião entre o governador Reinaldo Azambuja, o empresário Aurio Lima Júnior e o diretor de Gestão Empresarial, Leandro Magalhães. O empreendimento será sediado em Três Lagoas, em área de 85 mil metros quadrados do Distrito Industrial. O secretário de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar, Jaime Verruck, explicou que o processo teve amplo apoio do governo do Estado, desde a concessão de incentivos, o encaminhamento de financiamento do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), a agilização dos procedimentos para obter as licenças ambientais e as demais tratativas. O superintendente de Indústria da Semagro, Bruno Gouveia, destacou a importância do investimento pelo adensamento da cadeia do papel. A indústria completa o ciclo que vai desde a produção da floresta, passa pela celulose e chega até o produto final: o papel higiênico destinado diretamente ao mercado consumidor⁴⁵.

Como se vê, nos poucos exemplos recolhidos em alguns dos portais digitais que tem divulgado o agronegócio de silvicultura, o discurso que conclama a todos e todas vivenciaram o desenvolvimento, crescimento, geração de renda, riqueza, e tanto outros benefícios dos projetos faraônicos, passa ao largo problemas sérios como: concentração e centralização de capital, impactos nas comunidades e assentamentos no município (e nas regiões próximas), degradação do solo, desmatamento ilegal, uso excessivo de água com alteração do ciclo hidrológico, impacto no lençol freático, assoreamento dos cursos d'água, redução da biodiversidade, poluição do ar, contaminação do local com os agrotóxicos mais agressivos, aumento da pobreza no campo e na cidade, aumento da violência, disparada dos preços imobiliários, ampliação das formas de trabalho precário, etc.

O que a forma das mensagens esconde é o conteúdo concreto que subjaz os discursos das práticas capitalistas, incluindo a reprodução do patronato rural enquanto classe, que parte da imprensa está comprometida em apoiar e defender. O que não aparece, portanto, é a *substância concreta* da dinâmica contraditória do capital no espaço geográfico que se expressa em regiões como a de T.L., onde o agronegócio busca, via controle e apropriação privada

⁴⁵ Disponível em: < <https://www.correiodoestado.com.br/economia/grupo-investira-r-192-milhoes-em-fabrica-de-papel-no-estado/348942/>>. Acesso em: 12-09-2019.

da terra e do território, monocultivo de eucalipto/celulose para exportação na forma de *comodities*, extrai e escoar renda da terra para o capital (ALMEIDA, 2014).

Nesse contexto, se a expansão econômica tem se dado por meio da reprimarização, Almeida (2015, p. 25) sinaliza que tal agroestratégia no Brasil precisa ser pormenorizada, principalmente no que se refere ao campo brasileiro já que, por exemplo, escreve a autora: a “[...] presença do capital no campo não representa necessariamente a conversão completa dos capitais improdutivos (leia-se especulativos) em capitais produtivos, mesmo quando se trata do setor industrial, como o de eucalipto/celulose no Brasil” (Idem, *ibidem*).

Nesse sentido, o caso da silvicultura é um exemplo emblemático “[...] pois o modelo, mesmo contendo a obtenção da celulose a partir do eucalipto, continua, na essência, sendo exportação de matéria-prima, uma vez que existe incompletude da industrialização clássica” (Idem, *ibidem*). Ou seja, no setor,

[...] há (re)concentração de terra; elevado investimento como o uso substancial do crédito, escasso efeito multiplicador, posto que a agregação de valor é pequena (95% da pasta de celulose são exportados para fabricação de papel na Europa); pouca geração de emprego e centralização de capital [...] [...] nesse setores agroindustriais que bancam a reprimarização da economia, ditos modernos, a expansão/acumulação do capital se dá por meio rentistas. Evidencia maior disso é a não separação de interesses produtivos e especulativos no interior dessas empresas, o que leva à vulnerabilidade países como o Brasil, onde parcela significativa dos lucros não é reinvestida no aumento da capacidade do país, mas na remuneração dos giros especulativos do capital (Idem, p. 25-26).

Voltando ao tema principal, Gramsci (2006b, p. 32), expôs nos seus *Cadernos do Cárcere* que a imprensa (jornais revistas, etc.) são “meios para e difundir determinados tipos de cultura” de modo que, em certas circunstâncias, continua o autor: “são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos” (Idem, 218). Seguindo estas indicações, Silva (2005, p. 31) pontua que a “organicidade do jornal, dada pelas relações de classe que ele encerra, lhe confere o caráter de atuação de partidária, atendendo a objetivos previamente definidos”. Isso se dá, segue a autora, porque, o jornal, tem um papel de informar e opinar. Essa dupla função se mistura com frequência e “[...] a necessidade de ser informado faz com que muitas vezes se receba a opinião e programa de ação partidária como sendo mera informação” (Idem, p. 31).

Além disso, apesar da diversidade, das incongruências, ambiguidades e contradições, há unidade em termos de posicionamento por parte dos órgãos de imprensa, já que estes não

expressam toda e qualquer posição, “traduzida” em informações, desvinculadas dos demais complexos sociais, fundamentalmente, as *classes sociais*.

Desse modo, mesmo que no plano discursivo defenda-se o apartidarismo, isenção e a objetividade, na realidade o que se verifica na prática é que a imprensa atua como a “parte mais dinâmica da estrutura ideológica” (GRAMSCI, 2006b, p. 78), dentro da totalidade social regida pelo capital onde as lutas, conflitos, contradições, projetos, tensões e intenções distintas se desdobram territorialmente em disputas desiguais, o que também se expressa na imprensa.

Portanto, o que é (re)produzido e divulgado por determinados órgãos da imprensa, mesmo que dentro de sua estrutura organizacional haja possibilidades para opiniões e posicionamentos diversos e até contrapostos, pressupõe a luta de classes e frações de classe que disputam a hegemonia. Essas disputas, no que se refere à imprensa, tem em seu cerne duas dimensões interligadas, como esclarece Gramsci no *Cadernos...*, uma voltada à base material em sua organização, cimentando ou dando suporte teórico ou ideológico ao bloco hegemônico e, portanto, atuando na elaboração, divulgação e unificação de certas concepções de mundo, e outra, refere-se à cultura, na qual a imprensa (impresa e digital) pode ainda organizar e difundir certos tipos de cultura.

Desse modo, o apartidarismo, muito já se disse, é somente uma forma de reforçar um posicionamento, uma visão de mundo específica. Nesse sentido, ao “funcionar” como partido (expressão de um grupo social), ainda que formalmente, a imprensa passa a exercer um papel de formular e organizar uma vontade coletiva mediante “uma ação de direção e de dirigente, e a formulação se dá sempre em conjunto com outros agentes” (SILVA, 2005, p. 36).

Silva destaca ainda o papel da ação pedagógica que imprensa assume ao tomar uma forma partidária. Isso ocorre porque a imprensa, segundo a autora, visa consolidar uma visão de mundo específica correspondente aos interesses de sua classe. De modo que toma para si um papel de “[...] educação continuada [...] pautando, dizendo informar, e ao mesmo tempo mantendo a divisão dos ‘lugares sociais’ ditando como cada um deve se comportar” (SILVA, 2005, p. 36-37). No entanto, essa dimensão político-pedagógica está dialeticamente articulada à outra ressaltada por Gramsci, a cultura. Nesse caso, uma passagem dos *Cadernos do cárcere* pode elucidar a relação:

Na realidade, o Estado deve ser concebido como ‘educador’ na medida em que tende precisamente a criar um novo tipo ou nível de civilização. Dado que se opera essencialmente sobre as forças econômicas, que se

reorganiza e se desenvolve o aparelho de produção econômica, que se inova a estrutura, não se deve concluir que os fatos da superestrutura devam ser abandonados a si mesmos, a seu desenvolvimento espontâneo, a uma germinação casual e esporádica. O Estado, também neste campo, é um instrumento de ‘racionalização’, de aceleração e taylorização [...]. (GRAMSCI, 2007, p. 28).

Ainda que Gramsci se refira à escala nacional, suas indicações são significativas no que se refere aos meandros envolvendo política, economia, ideologia e cultura em determinados espaços regionais de “disputa pela consciência”. A ação da imprensa procura corroborar a ideia de uma visão unívoca que, pedagogicamente, vem sendo construída pelos órgãos do Estado, da imprensa e sob sina da monocultura de eucalipto. Nesse caso, referindo-se à ação da imprensa Berstein (1998, p. 357), como um dos meios de veiculação cultural, escreve que esta:

[...] é variada, por vezes contraditória, e é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no clima cultural em que mergulha cada indivíduo pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que, com a repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adoção de comportamentos convenientes (BERSTEIN, 1998, p. 357).

Seguindo numa outra direção, mas tendo Maquiavel e Gramsci como alicerce, Ianni (1999, p. 14) alerta para as novas determinações as que modificam mais ou menos radicalmente as condições em que se desenvolvem a teoria e a prática políticas num mundo dito “globalizado”. Nesse caso, referindo ao papel da imprensa, o autor sinaliza para o que denomina de “Príncipe eletrônico”, isto é,

[...] uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, nos âmbitos local, nacional, regional e mundial. É o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos socioculturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo (IANNI, 1999, p. 14)⁴⁶.

⁴⁶ Ianni (1999, p 15), alerta ainda: “É óbvio que o príncipe eletrônico não é nem homogêneo nem monolítico, tanto em âmbito nacional como mundial. Além da competição evidente ou implícita entre os meios de comunicação de massas, ocorrem frequentes irrupções de fatos, situações, relatos, análises, interpretações e fabulações que pluralizam e democratizam a mídia. Sem esquecer que são inúmeros os intelectuais de todos os tipos, jornalistas, fotógrafos, cineastas, programadores, atores, entrevistadores, redatores, autores, psicólogos, sociólogos, relações públicas, especialistas em eletrônica, informática e cibernética e outros que diversificam, pluralizam, enriquecem e democratizam a mídia. Há jornais, revistas, livros, rádios, televisões e outros meios que expressam formas e visões alternativas do que vai pelo mundo, desde o narcotráfico e o terrorismo transnacionais às guerras e revoluções, dos eventos mundiais da cultura popular aos movimentos globais do

Essa entidade nebulosa representada na figura do *intelectual coletivo* e *orgânico* atua, evidentemente, em diversos *fronts* (jornal impresso, revistas, guias, televisão, rádio, etc.) em T.L. e rastrear seu movimento e suas ramificações pormenorizadamente é uma tarefa que está além da proposta deste trabalho. No entanto, ao rastreamos e identificarmos algumas pistas do que foi divulgado nos portais digitais a hipótese de que as ações de uma parte da imprensa operando de modo dinâmico no interior da hegemonia do agronegócio de silvicultura parece bastante razoável.

Parte da imprensa local, que evidentemente responde ao investidores e aos próprios donos dos meios de comunicação, atua por meio de seus “intelectuais coletivos” (IANNI, 1999), como uma espécie de “Príncipe-eletrônico”, só que agora cada vez mais pelas redes dos websites ampliando seu campo de ação como organização material voltada para manter, defender e desenvolver a ‘frente’ teórica e ideológica em defesa da hegemonia do agronegócio.

Nesse mote, vem construindo sua práxis formatada numa representação ídeo-política e cultural (pseudo) universal cuja pretensão é amoldar o conjunto da sociedade civil três-lagoense dentro dos limites do próprio capital, agindo no conjunto no tecido social local de modo a estabelecer uma espécie de “escola dos adultos” capaz de exercer ainda uma função educativo-pedagógica positiva respaldada na cartilha político-econômica do agronegócio, que vem formatada num modelo de agricultura que deve não só ser aceito, mas interiorizado como consenso ativo.

A enxurrada de notícias, mensagens, propagandas, etc., divulgadas quase que diariamente desde o início da implementação dos projetos de silvicultura contribuíram para o estabelecimento do consenso em torno da hegemonia do agronegócio, tudo isso “sedimentado” pela ideologia capaz de criar uma falsa imagem que se alastrou pelo Brasil e pelo mundo segundo a qual T.L. seria a “nova Eldorado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atraídas por uma série de fatores como: incentivos fiscais por parte da administração local; preço barato da terra e da mão de obra; enorme disponibilidade de recursos hídricos; incipiente organização dos representantes de classe; flexibilização das leis ambientais; falta

capital especulativo. Assim se enriquece o príncipe eletrônico, tornando-o mais sensível ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais subalternos à perspectiva das classes e grupos sociais predominantes”.

de fiscalização e monitoramento dos impactos socioambientais; possibilidades de “negociação” com certos órgãos ambientais; taxas de retorno exorbitantes; possibilidade de extração de valor mediante a superexploração da força de trabalho (MARINI, 2005) e de renda (ALMEIDA, 2015), etc., assim como inúmeros outros aspectos que fogem ao escopo deste artigo, megacorporações como a Fibria e a Eldorado construíram verdadeiros impérios através da monocultura do eucalipto, transformada em *comodities* em conformidade com as demandas do mercado internacional.

Por meio das matérias divulgadas foi possível notar ainda certos procedimentos político-econômicos soldados à ideologia e à hegemonia, aspectos que a nosso ver, reforçam o papel das relações (desiguais) entre os países, isso porque a estrutura de transferência de valor para o alto escalão da economia mundial⁴⁷, com a justificativa de que a produção em larga escala da silvicultura é uma atividade “rentável para o país” e, por conseguinte, para o município de T.L.

Assim, problemas como transferência de valor e riqueza, precarização das condições de trabalho, degradação ambiental, uso exacerbado de agrotóxicos, precarização do trabalho, desrespeito às comunidades (ribeirinhas indígenas, quilombolas), apropriação privada de enormes frações do território, aumento das formas de violência contra os povos do campo, greves, etc., Em suma, toda uma série de problemas graves gerados direta ou indiretamente por este tipo de atividade não recebe a mesma atenção pelo “Príncipe eletrônico-digital”⁴⁸ na “nova Eldorado” de papel.

O que se depreende dos exemplos recolhidos das reportagens e nas falas dos “interessados no desenvolvimento” é justamente o contrário, ou seja, que a articulação envolvendo Estado, imprensa e capital (do agronegócio) propaga uma visão unilateral na qual as supostas vantagens e benefícios propagandeadas pela silvicultura parecem atingir o conjunto da população local, mas na verdade, na realidade a propaganda do “desenvolvimento para todos” não passa de uma mistificação que serve à hegemonia do agronegócio e seus representantes, como os ideólogos demagogos em sua defesa pelo “bem

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.grandesconstrucoes.com.br/Materias/Exibir/producao-de-celulose-articula-novo-salto>>. Acesso em: 03-09-2019.

⁴⁸ Não se pode descartar o fato de que entre certos setores da imprensa a lógica do “bate pronto”, do “furo”, isto é, a divulgação imediata que alavanque o interesse da audiência é simplesmente uma reprodução talvez inconsciente do agronegócio, pois mesmo aqueles que não estão imediatamente sendo financiados por políticos, empresários, organizações, etc., muitas vezes acabam incorporando certo discurso que contribui para a propagação da (ideo)lógica capitalista, até porque, em muitos casos, o que ocorre é o repasse acríptico de informações divulgadas por meio das corporações transnacionais que dominam a mídia em escala nacional, num processo que ganha vida própria. Eis o trunfo da ideologia, “penetrar” no tecido social incidindo sobre os mais diversos complexos que a reproduzem.

comum”, enquanto o restante da população, que tem sua força de trabalho vendida ao capital, aguarda ansiosa pelo “futuro⁴⁹” que ainda é alardeado pelo *marketing* da prefeitura.

Por isso a insistência num discurso que contemplava a “todos” foi se transformando ao longo do processo numa espécie de apologia descarada que não só naturaliza as mazelas do processo, mas as assume como parte inevitável rumo ao melhor dos mundos possíveis ao espírito panglossiano. Eis a “nova Eldorado” de vastos territórios (mono)cultivados pela burguesia agrária através da extração de valor e de renda.

Se, talvez, dadas às condições pregressas já bastante problemáticas de uma região que teve sua formação calcada no modelo de forças produtivas cujas bases econômicas estiveram ligadas à histórica concentração de terras (latifúndios) e os problemas derivados daí, como por exemplo: obstrução à reforma agrária, grilagem de terras, incidência contínua de conflitos no campo, empobrecimento, massacre de indígenas e camponeses, desigualdade socioeconômica grave, etc., o agronegócio de eucalipto, celulose e papel tem, em T.L., os caminhos abertos devido uma série de elementos (políticos, econômicos, culturais, ideológicos, etc.) que consubstanciam a totalidade dos processos conduzidos hegemonicamente pelas classes e frações de classe burguesas (capitalistas e latifundiários), que procuram disseminar sua ideologia via A.P.H.

Foi dentro desse quadro que à imprensa, enquanto “aparelho privado de hegemonia” coube um papel considerável, na medida em que atuou (e atua) na reprodução de uma visão (de mundo) que atribui ao agronegócio de eucalipto a missão de gerar de empregos, renda, riqueza, crescimento econômico e tantos outros benefícios “para todos”. “Problemas adjacentes” que estão na base da silvicultura de eucalipto receberam (e ainda recebem) uma atenção bem menos cuidadosa, isso quando vem à tona pela imprensa, pois, como se sabe, as denúncias, geralmente são daqueles que sofrem com os impactos diretos da monocultura. E estes, jamais recebem o mesmo tratamento de empresários, capitalistas e latifundiários. Os problemas que surgem, que as próprias empresas tomam como “sua reponsabilidade”, são jogados no colo da administração pública, enquanto aos impactados, se não forem para o embate, restam as promessas.

⁴⁹ Não por acaso, o apelo ao lema do “futuro” é utilizado com frequência pela imprensa: “Construindo juntos o futuro que queremos”; “gerando futuro”; “Dê a mão para o futuro”; “Uma conquista para um futuro melhor”; “campo futuro”, etc. Interessante notar que essa invocação ao futuro, ou mais precisamente, a representação que o agronegócio faz de si mesmo como aquele capaz de “construir o futuro”, ocorreu no Movimento Sou Agro (2011), no qual lê-se: “quem planta floresta, pensa no futuro’ (Bracelpa); ‘semeando o futuro’ (Aprosoja); ‘para quem tem um pé no campo e um olho no futuro’ (Bunge); ‘defendendo a agricultura e sustentando o futuro’ (Andef); ‘Zebu, o futuro em boas mãos’ (ABCZ), entre outro” (BRUNO, 2014, p. 14).

Desse ponto de vista, o do capital, os impactos socioambientais podem ser sempre minimizados e até dirimidos, por isso “a prevenção” vem através dos projetos de “responsabilidade socioambiental empresarial”, divulgados no pacote dos: “Relatórios de sustentabilidade” como ocorre na Fibria, agora Suzano. Para além do “comprometimento” e da “responsabilidade”, no entanto, sabe-se que a atenção dada às “questões sociais e ambientais” garante ao empresariado do setor retorno lucrativo.

O “comprometimento”, portanto, não passa de uma tentativa de ocultar as contradições típicas que afloram de projetos dessa natureza para, concomitantemente, tentar passar a imagem positiva e “sustentável” das empresas, as quais podem burlar as Leis ambientais sempre que o preço da multa compensar os lucros obtidos. Não por acaso, tenta-se a todo custo educar a população fazendo-a crer que vale a pena correr os riscos, que problemas podem ser evitados por uma “boa gestão” misturada com a “excelência ético-comportamental” de um empresariado “consciente” perante a sociedade e a justiça.

Assim, mesmo passando da condição de “ex-capital do gado” à “capital mundial da celulose”, como vem sendo divulgado, a região segue parametrada na (re)produção de um modelo de produção capitalista agroexportador, só que calcado na reprimarização via celulose-papel, o que faz da “vocação regional” para “o agro” uma balela completa, pois trata-se da conhecida inserção da região na dinâmica e estrutura mundial da divisão (territorial) do trabalho sob o comando do capital transnacional e financeirizado.

As mudanças ocorridas pela chamada mobilidade do capital do agronegócio na microrregião, apesar de todo discurso sobre desenvolvimento em sua mais diferentes formas (sustentável, regional, local, econômico, etc.), portanto, não eliminam e nem poderiam eliminar, as determinações estruturais dessa condição histórico-geográfica, ao contrário, reafirmam, num novo patamar, as condições de dependência e subalternização (e tudo que ela significa em termos de limites e problemas que os países periféricos têm que enfrentar) em meio ao avanço cada vez mais destrutivo do capital.

Enquanto instrumento de publicização que ajuda a disseminar as práticas do agronegócio de silvicultura, parte da imprensa local, impelida pelos imperativos da “lógica” expansionista do capital, tem buscado agregar a sociedade civil local em torno de um mesmo mote que garanta a continuidade da extração de riquezas de T.L., enquanto deixa o passivo como moeda de troca, além, é claro, das migalhas que caem dos bolsos da classe agrária burguesa e que é recolhido rapidamente por esta mesma parcela da imprensa divulga as belas-letras do agronegócio.

Ademais, sob o signo da monocultura de eucalipto, os agentes do capital e do Estado procuram reunir sob o lema ideológico do “desenvolvimento para todos” a hegemonia a economia da microrregião nas mãos do agronegócio e seu modelo capitalista de produção de *comodities* ao mesmo tempo em que tratam as formas plurais de agricultura como parte do agronegócio, tentando assim, passar a ideia de que estas formas, que supostamente estariam à reboque do agronegócio de produção em grande escala, só teriam importância se enquadradas às regras do modelo capitalista calcado no valor de troca.

Com isso, a aparente pluralidade no cerne da imprensa oculta a ideologia homogeneizadora em seus informes e divulgações, já que exclui, por exemplo, um elemento decisivo no que se refere à manutenção da vida e, por conseguinte o *desenvolvimento social*, ou seja, o fato de que agronegócio não está interessado em produzir alimentos, mas sim mercadorias. E mais, o que deveria ser um suposto óbvio, que nem toda produção no campo faz parte ou é agronegócio⁵⁰. É por isso que tachar as formas distintas de produção que ocorrem, por exemplo, em acampamentos e assentamentos, como “agronegócio” é um procedimento (des)informativo que por um lado ajuda a criar uma imagem equivocada sobre o modelo de agronegócio frente à opinião pública e, por outro, borra as diferenças qualitativas e quantitativas entre a agricultura capitalista e agricultura camponesa⁵¹.

A impressão que se tem ao observarmos parte do que vem sendo publicado por parte da imprensa local (como é exemplar o caso do próprio website da Prefeitura) é que tudo o que “[...] se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante” (GRAMSCI, 1916, s/p)⁵², tudo revestido por um “discurso moderno” que coloca em primeiro plano temas como desenvolvimento, progresso, tecnologia de ponta, sustentabilidade, retorno financeiro, etc., mas convenientemente deixa de lado questões sociais como; desigualdade, insegurança alimentar, contaminação e envenenamento devido ao uso agrotóxicos no cultivo de monocultura, controle e concentração de vastas quantidades de terra, trabalho precário, etc.

⁵⁰ É justamente essa a ideia defendida pelo então diretor de Assuntos Corporativos e Sustentabilidade da Bunge Brasil, Adalgiso Telles, no já citado movimento “Sou Agro”. Diz ele: “O movimento Sou Agro não tem dono. Nosso objetivo é abarcar parceiros de diferentes segmentos do agro e incorporar pequenos agricultores. Queremos mostrar que o movimento não tem caráter de confronto, e sim esclarecimento, e não representa nenhum interesse específico dentro do agro” E arremata, “o movimento também deixa claro que não é possível diferenciar grandes e pequenos produtores, pois todos fazem parte do agro e são interdependentes”. Disponível em: <www.souagro.com.br/uma-nova-ponte-entre-o-campo-e-a-cidade>. Acesso em: 12-08-2019.

⁵¹ Como se sabe, cerca de 80% da produção do agronegócio corresponde a *commodities* agrícolas, enquanto quem responde por 70% da alimentação das brasileiras e dos brasileiros são os camponeses com sua produção amparada no trabalho familiar.

⁵² Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>>. Acesso em: 18-09-2019.

Desse modo, parte da imprensa local atua como “jornalismo integral”, isto é, um “[...] jornalismo que não somente visa satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área [de influência]” (GRAMSCI, 2006b, p. 197 acrescimos nossos) e que, portanto, atua no plano ídeo-político como parte do A.P.H. Tal como “Príncipe eletrônico-digital”, cada vez mais mediado pelo meios digitais e virtuais, busca intervir (para *reorganizar*) e difundir (para *introyetar*) uma série de (des)informações que concorrem para a formação do consenso sobre uma forma de (agro)produzir reconhecidamente insustentável.

Assim, a hegemonia do agronegócio de silvicultura, com o auxílio dos “Aparelhos ‘privados’ de hegemonia”, incluindo a imprensa, como tentamos demonstrar, procurou (ainda parece procurar) conduzir corações e mentes em direção ao caminho único (monocultural) da exploração comandada pelas frações classistas do agronegócio de celulose-papel. Escamoneando ou minimizando as conseqüências negativas que, direta ou indiretamente, impactam a natureza e a população do local e das áreas adjacentes (no campo e na cidade), a imprensa, ao atuar como “suporte” ideológico à territorialização da silvicultura, ajudou construir a imagem da “Rainha da celulose”, tornando-se assim, o seu “Príncipe eletrônico-digital”.

Bibliografia

ALMEIDA, R. A. A territorialização do agronegócio do eucalipto na região leste de Mato Grosso do Sul e o cerco à reforma agrária. *Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre, 2012.

ALMEIDA, R. A. Desenvolvimento capitalista desigual-combinado e contraditório nos campos Mato-grossenses. In: ALMEIDA, R. A.; SILVA, T. P. da. (Org.). *Repercussões territoriais do desenvolvimento desigual-combinado e contraditório em Mato Grosso*. Editoria UFMS, 2015. p. 21-40.

ARAGÃO, Marianna. Ex-capital do gado, Três Lagoas (MS) vira rainha da celulose. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 de set. 2012.

ASEVEDO, Tayrone Roger Antunes de. Territorialização e reestruturação produtiva dos agronegócios no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: desdobramentos e desafios para as classes subalternas. 2013. 252 f. *Dissertação* (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2012.

ATLAS AGROPECUÁRIO. Instituto Imaflora/GeoLab Esalq-USP, 2017.

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARROS, I. F. O agronegócio e a atuação da burguesia agrária: considerações da luta de classes no campo. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 131, p. 175-195, abr. 2018.
- BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- BRAVO, Guilherme Pigozzi. O Partido Impresso: Imprensa e Hegemonia no pensamento político de Antonio Gramsci. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.
- BRUNO, Regina. *Um Brasil ambivalente: agronegócio, ruralismo e relações de poder*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: Edur, 2009.
- _____. Movimento ‘Sou Agro’. Marketing, habitus e estratégias de poder do agronegócio. *Composição*, Campo Grande, n. 14, p. 85-101, 2014.
- BUGIATO, Caio. A política de financiamento do BNDES e a burguesia brasileira. *Cadernos do Desenvolvimento*. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 9, n.14, jan-jun de 2014.
- CARCANHOLO, M. A crise econômica atual e seus impactos para a organização da classe trabalhadora. *Aurora*, ano IV, n. 6, Marília, agosto, 2010.
- _____. O atual resgate crítico da teoria marxista da dependência. *Trabalho, Educação e Saúde*, Vol. 11, n.1, Rio de Janeiro, 2013.
- CARMO, R. G. do. Crescimento econômico: um fetiche numérico. *Revista Espaço Acadêmico*. Maringá – PR. v. 13 n. 155 . Abril de 2014.
- COUTINHO. C. N. *Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 1994.
- DELGADO, Guilherme. *Do capital financeiro à economia do agronegócio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- FIBRIA, Celulose S.A. *relatório de sustentabilidade*, 2009.
- _____. *relatório de sustentabilidade*, 2010.
- _____. *relatório de sustentabilidade*, 2016.
- _____. *relatório de sustentabilidade*, 2017.
- GÓMEZ, J. R. M. Crítica ao conceito de desenvolvimento. *Revista Pegada*, v. 3, n. 1, p. 1-13, 2002.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere. Vol. 1*. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2006a.

_____. *Cadernos do Cárcere. Vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Civilização Brasileira.* Rio de Janeiro, 2006b.

_____. *Cadernos do Cárcere. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Civilização Brasileira.* Rio de Janeiro, 2007.

IANNI, O. O príncipe eletrônico. *Perspectivas*: São Paulo, v. 22, p.11-29, 1999.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (org.). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARTINS, C. E. O pensamento Social de Ruy Mauro Marini e sua atualidade: reflexões para o século XXI. *Crítica Marxista*, n.32, p.127-146, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, 1977. 3 v.

MÉSZÁROS, I. *Para Além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *Estrutura social e formas de consciência II. A dialética da estrutura e da História*. Boitempo: São Paulo, 2011.

PETRAS J.; VELTMEYER, H. Surgimento y muerte del capitalismo extractivo. México. *Observatório del Desarrollo*. Vol. 3, n. 9, 2014.

RIBEIRO, Júlio César. O (não tão branco) mundo do trabalho do setor celulósico-papeleiro: metamorfoses industriais em Três Lagoas-MS. *Revista Pegada*. Presidente Prudente/SP, v.13, n.02, p. 83-101, dez. 2012.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal. 1989-2002*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2005.

Submetido em dezembro de 2019
Aceito em abril de 2020